

## Noticias várias

## I

## Moedas de D. João II

Num olival proximo de Santarem appareceu uma grande quantidade de moedas de cobre, do reinado de D. João II.

(*Correio da Noite*, de 1 de Novembro de 1900).

## II

## «Silo» ou tulha subterranea

Santarem, 13.—Pelas 2 horas e meia da tarde pairou aqui grande trovoadá, acompanhada de violenta carga de agua e granizo, o que devia ter causado alguns estragos nos frutos e searas.

A chuva foi de tal ordem que, não sendo comportada pelas sargentas, chegou a cobrir o leito de algumas das principaes ruas.

Na Rua de Guilherme de Azevedo, com o peso da agua, abateu um bocado do pavimento que estava para ser calcetado, deixando apparecer um grande *silo* romano (?), de bastante profundidade.

Este *silo*, ou tulha subterranea, de que os Romanos (?) faziam selheiro, está no sitio onde existia uma casa que fazia esquina para a Rua Direita, e em muitas reconstrucções de predios antigos tem apparecido d'estes covões e, dentro de alguns, pequenas moedas de cobre e prata envoltas com entulhos.

(*O Seculo*, de 15 de Maio de 1903).

*Nota.*—O vocabulo empregado outr'ora para denominar a escavação feita no sub-solo com destino a guardar e conservar os cereaes era habitualmente o de *cova*. Um uso tão elementar como este faz suppor que não foi preciso que os Romanos o ensinassem ás gentes da Hispania, nem tão pouco os Arabes. Nestas covas era costume haver uns escritos (*alvarás* lhes chamavam), em que estava lançada a quantidade do cereal arrecadado, como se vê de um inventario do sec. XIV publicado n-*O Arch. Port.*, VII, 264.

Não é para admirar que nestas escavações se encontrem moedas, como diz o correspondente, e tambem candeias de barro, porquanto as transacções deviam ser effectuadas no seu interior á luz das luzernas, na falta da luz solar.

Na noticia acima relata-se terem apparecido em varias occasiões moedas nas covas e tambem me consta terem sido encontradas, de trás do Passo da Mouraria de Lisboa, no sitio por onde agora passa uma escadaria, algumas candeias de barro, que foram recolhidas no Museu Archeologico do Carmo. Naquelle mesmo sitio igualmente me consta haver restos de *covas*.

A carta do cruzado inglês Osberno, que narra a conquista de Lisboa em 1147, indica bem claramente a existencia das covas em Lisboa: «*Inventum est dehinc*

in nostra parte suburbii (*arrabalde dos mouros?*) in fossis in proclivo montis ad centum fere milia summarum tritici et ordei et milii et leguminum, subsidia scilicet maximae partis urbis. Nam infra muros loci quantitas et rerum familiarium copia rupisque soli[dae] durities, infra vallem aquarum copia fossas fieri prohibea[n]t<sup>1</sup>.

Um estudioso allemão que tratou numa dissertação da conquista de Lisboa em 1147 traduz bem livremente assim: «An Lebensmitteln fehlte es zwar, wie bei so reichem Fruchtsegen der Umgegend und so bequemer Wasserverbindung zu erwarten war, nicht. Da indess in der eigentlichen Stadt theils die Härte des Gesteins, theils in den niedrigeren Parthien das übermässige Grundwasser die Anlage von Kellern erschwerte, hatte man einen grossen Theil der Vorräthe in den schlechter geschützten Vorstädten unterbringen müssen»<sup>2</sup>.

### III

#### Monumento da Columbeira

«Sr. Redactor. — O *Diario de Noticias* referiu-se ultimamente a um monumento ao tenente-coronel inglês Lake, do regimento «29 de linha», morto no combate da Roliça em 1808, a proposito do distincto lente da Escola do Exercito o Sr. capitão do estado-maior Victoriano Cesar ter lembrado a restauração delle em commemoração da visita do rei de Inglaterra a Lisboa.

Julgo opportuno dar algumas informações sobre esse monumento, que vi, sobre o estado de conservação em que se encontrava ha quatorze annos, e a copia fiel, que possuo, da inscrição inglesa.

Achando-me nas Caldas da Rainha no mês de Agosto de 1888, tive a curiosidade de ir ver o ponto em que se deu o celebre combate da Roliça, o primeiro em Portugal entre o exercito inglês de Wellesley e as tropas francesas do mais antigo dos divisionarios de Junot, o general Delaborde.

A duas leguas das Caldas, para o sul, encontra-se a povoação da Roliça; ali deixando a estrada que segue para o Bombarral, e tomando por maus caminhos entre montanhas, chêga-se a um pobre logarejo chamado Columbeira, situado na falda de uma alta montanha onde se encontra o monumento erecto a Lake.

Quando ali cheguei em 17 de Agosto de 1888 (80.<sup>o</sup> anniversario do combate) ignorava por completo a existencia daquelle monumento, mas a gente da terra informou-me de que no alto da montanha «estava

<sup>1</sup> Port. Mon. Hist. *Scriptores*, 399. As letras entre colchetes são correções feitas em face do manuscrito por Stubbs nos *Chronicles and Memorials of Richard I*, vol. I, livros que o Archivo Nacional não possui, como desgraçadamente tantos outros, até nacionaes.

<sup>2</sup> *Die Eroberung von Lissabon im Jahre 1147. Inaugural Dissertation* por Ulrich Cosack, Halle, 1875, pag. 34.

enterrado um «general» inglês e que havia ali uma cruz de pedra em que isso estava escrito».

É singelo o monumento, terá pouco mais de dois metros de altura.

Consta de um sócco encimado por uma cruz. Numa das faces d'este sócco está a seguinte inscripção da qual as ultimas palavras estão completamente apagadas:

SACRED

To the memory of the lieutenant colonel Lake of the 29 regiment who fell at the head of his corp in driving the enemy from the heights of Columbeira on the 17 august 1808.

This monument is erect by his brother officier[s].

Na face opposta está a traducção em portuguez de que unicamente se lê a primeira palavra «Consagrado»; o resto não é legivel.

O sócco não era fixo; estava na occasião da minha visita em um estreito carreiro, via publica, e contaram-me que, por varias vezes o tinham mudado de logar, chegando mesmo em tempo a estar deitado por terra, tendo-se partido a cruz, que então estava concertada com uma haste de ferro.

É um monumento muito pouco conhecido devido evidentemente ao sitio isolado e de difficil acceso em que está collocado.

Lisboa, 31 de Maio de 1903.—Sou com toda a consideração—  
De v. etc.—*Fernando Gonçalves Guilon*».

(*Diario de Noticias*, de 4 de Junho de 1903).

#### IV

##### Ainda o monumento da Columbeira

«Devem os nossos leitores estar lembrados da noticia que em tempos demos de terem os officiaes do actual 1.<sup>o</sup> *Batalhão Worcestershire*, representante do antigo regimento 29 de linha inglês, que tanto se distinguio na batalha da Roliça, resolvido restaurar o monumento mandado erigir pelos officiaes d'aquelle regimento em 1808 ao seu tenente-coronel G. A. F. Lake, que morreu no ataque á forte posição da Columbeira, naquella memoravel batalha, a primeira em que as forças anglo-portuguesas derrubaram em Portugal as aguias napoleonicas.

Está concluida a restauração, da qual fôra incumbido, como dissemos, o Sr. Walter Custance, pae de um muito sympathico e distincto tenente d'aquelle regimento, que se acha actualmente na Irlanda, depois de haver feito brillantemente a campanha contra os boers. O tenente Alfredo Custance fez-se junto dos camaradas do regimento o advo-

gado da ideia da restauração do monumento do tenente-coronel Lake, a qual foi unanimemente abraçada; seu pae, o Sr. Walter Custance, representou em Portugal dignamente seu filho e os sentimentos e desejos do regimento 29, pondo toda a sua solicitude e cuidado na obra da restauração, que ficou perfeita, como se vê da gravura que hoje publicamos, e que se pôde comparar com o desenho que representa o estado em que o monumento, deteriorado e mutilado, se encontrava.

Devem os leitores lembrar-se da origem da ideia d'essa restauração. O capitão dos serviços do estado maior, hoje major, o Sr. Victoriano Cesar, lente da Escola do Exercito, escreveu por ocasião da



O monumento do tenente-coronel Lake  
antes de restaurado

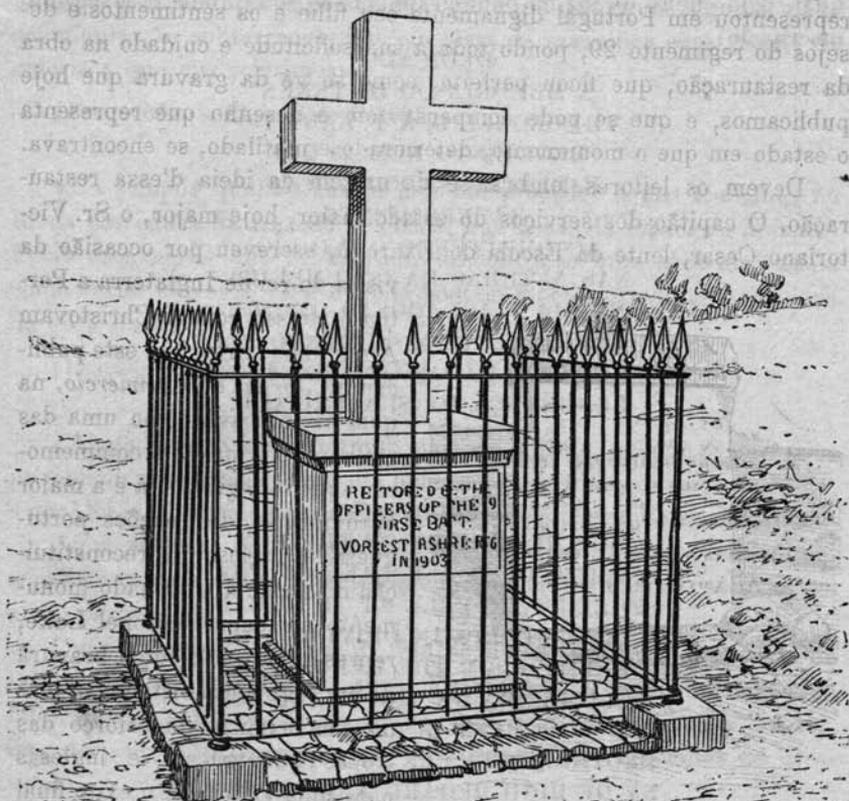
visita do rei de Inglaterra a Portugal, ao seu collega Christovam Aires, uma carta, que este publicou no *Jornal do Commercio*, na qual se indicava como uma das melhores fórmulas de commemorar aquella regia visita e a maior aproximação das nações portugueza e inglesa, a reconstituição d'aquelle abandonado monumento ao tenente-coronel Lake, representante não só da bravura de um regimento britannico, mas da concorrência do esforço das tropas portuguezas e inglesas para uma victoria e o exito final de uma causa nobre.

Tendo sido o monumento levantado por iniciativa dos officiaes do regimento 29, e tendo o Sr. Christovam Aires conhecido numa sua viagem a Inglaterra o Sr. Alfredo Custance, nascido em Portugal, e tenente do corpo que representa (e ainda lhe guarda o antigo numero, ao par do moderno) o regimento que tanto se distinguiu na guerra da Peninsula, lembrava no seu artigo este nosso collega official tomar a nobre iniciativa, e que ninguem melhor, na ausencia d'elle, do que seu pae podia pôr depois em execução os desejos do nobre regimento.

O nosso collega procurou mesmo o Sr. Walter Custance para lhe expôr essa ideia, que acaba de ser realizada com tão feliz exito.

Encarregado pelos officiaes do regimento 29, hoje 1.º Batalhão *Worcestershire*, de tão honrosa missão, d'ella se desempenhou o Sr. Custance cabalmente, e hoje, na encosta da Columbeira, onde se deu a brilhante

carga, ergue-se, restaurado e devidamente guardado por uma grade de ferro, o monumento do valoroso tenente-coronel Lake.



O monumento do tenente-coronel Lake depois de restaurado

No socco do lado sul a nova inscrição diz:

RESTORED BY THE  
OFFICERS OF THE 29  
FIRST BATT.  
WORCESTERSHIRE REG.  
IN 1903.

Do lado leste está a mesma inscrição em português.

RESTAURADO  
PELOS OFFICIAES DO  
REG. 29  
1.º BAT. WORCESTERSHIRE  
EM 1903.

Do lado norte (virado para a ravina) está a antiga inscripção em portuguez; é esta a face esquerda que se vê na nossa gravura, e na qual, pelo effeito da luz na photographia, não se reproduziu a seguinte inscripção:

DEDICADO  
 Á MEMORIA DO IL. TENEN  
 TE-CORONEL G. A. F. LAKE DO  
 REGIMENTO NUM. 29 QUE  
 FALLECEU NA FRENTE DO  
 SEU REGIMENTO  
 ACCOMETTENDO O INIMIGO  
 NAS ALTURAS DA COLUMBEIRA  
 NO DIA 27 DE AGOSTO DE 1808.  
 FOI ERIGIDO ESTE MONUMENTO PELOS  
 SEUS CAMARADAS OFFICIAES EM  
 LEMBRANÇA DA SUA AMIZADE.

A antiga inscripção inglesa diz assim:

SACRED  
 TO THE MEMORY OF THE HON.  
 LIEUT. COL. G. A. F. LAKE OF THE  
 29 REG. WHO FELL AT THE HEAD  
 OF HIS CORPS IN DRIVING THE  
 ENEMY FROM THE HEIGHTS OF  
 COLUMBEIRA ON THE 27 AUG. 1808  
 THIS MONUMENT IS ERECTED BY HIS  
 BROTHER OFFICERS AS A TESTIMO-  
 NY OF HIGH REGARD AND ESTEEM.

É a copia fiel das duas inscripções, taes como estavam e ficaram, avivando-se apenas um pouco as letras».

(*Diario de Noticias*, de 16 de Outubro de 1903).

## V

### As escavações no Rocio (Lisboa) em 1901

«No lado occidental da praça do Rocio tem-se estado procedendo á abertura de uma valla, afim de serem devidamente collocados os postes destinados aos fios para a tracção electrica dos americanos.

Profundando-se um pouco a escavação, encontrou-se certa resistencia no solo, verificando-se em seguida a existencia de um cano ou galeria, de excellente construcção, de tijolo, e coberto por uma abobada.

Segundo ouvimos, foi ali encontrado um pequeno sino de bronze e um vaso, ou pucaro, de prata.

Não está ainda averiguado se é um cano antigo ou alguma velha comunicação subterranea, isto em vista da magnifica construcção da galeria a que nos referimos».

(*Vanguarda*, de 12 de Maio de 1901).

«Ha tempos que a Camara mandou proceder a uns trabalhos no Rocio por causa da tracção electrica, em frente da tabacaria Monaco. Pelas escavações que se fizeram, descobriu-se uma abobada, assim como varios objectos, etc., e ainda hontem foi encontrada uma chavena de loiça da India».

(*Vanguarda*, de 16 de Maio de 1901).

«Ainda hontem foi encontrado mais um objecto, quando os operarios procediam a escavações; era um bule, ao que parece, de loiça da India, o qual foi já remettido para a Camara Municipal, segundo nos informam.

Além do bule, a que acabamos de referir-nos, tivemos hontem enesejo de ver mais alguns objectos que foram encontrados nas escavações, e são os seguintes:

Duas chavenas de loiça da India, muito bonitas e elegantes, do mesmo padrão que o bule, apresentando uma d'ellas uma fenda ou falha que se conhece ser de antiga data, e a outra algumas móssas, recentes, produzidas certamente por occasião dos trabalhos da escavação.

O bule tem o bico partido, evidentemente desde epoca remota, achando-se estes objectos mais ou menos ennegrecidos pelo fumo, o que prova terem estado em meio de algum incendio.

Tambem vimos um pedaço de metal, coberto de terra, de fórma espalmada e do tamanho da palma da mão, parecendo ouro e provindo naturalmente de algumas moedas de ouro que se fundiram pela acção do calor.

Tambem vimos uma moeda de cinco réis, do reinado de D. João V, o que prova que aquellas construcções não são anteriores ao tempo de aquelle monarcha.

Além d'estes objectos, tem apparecido varios fragmentos de loiça, sem fórma definida e por isso sem importancia.

A proposito acrescentaremos o seguinte:

Sabemos que sob a rua da Bitesga, em frente do predio n.º 51, ha outro subterraneo, identico ao que foi descoberto no Rocio, e que

segue em linha recta até o fim da praça da Figueira. No solo encontram-se poças de cêrca de dois metros de profundidade, cheias de immundicie. A cobertura é tambem de abobada».

(*Vanguarda*, de 18 de Maio de 1901).

«Em frente da tabacaria Monaco, no Rocio, procede-se actualmente a escavações com o fim de arrasar um antigo cano que não tinha utilidade alguma e que era um verdadeiro fóco de ratazanas. Estas obras são feitas por conta da Camara Municipal e nada tem que ver com as escavações que tambem naquelle sitio se fizeram e estão fazendo para assentamento dos *rails* para a tracção electrica dos carros americanos.

Já ha dias constára que nos trabalhos a que acima nos referimos haviam apparecido vestigios de uma velha habitação. Hoje appareceu a descoberto uma casa, com diversos compartimentos, e ainda varios objectos de uso.

Ali se encontrou o seguinte material, cuja epoca não podemos precisar, pois é tarefa que pertence aos archeologos:

Duas chavenas da India, um bule, um ferro de engommar, uma frigideira, um machado de ferro com cabo, dois potes de barro, duas bilhas, uma chapa de metal, uma medida de barro, uma porção de pratos dos quaes só tres resistiram á lavagem, um tacho, um frasco de vidro, uma tampa de barro, um fecho de ferro, um alguidar e varios azulejos.

Estes objectos, cujo apparecimento attrahiu durante o dia inteiro grande numero de curiosos aos arredores da escavação, foram removidos para a Camara Municipal».

(*Correio da Noite*, de 18 de Maio de 1901).

«Ainda hontem, escavando-se mais terreno, foram encontrados dois potes, um alguidar, e fragmentos de uma caçarola— todos estes objectos ordinarios e em mau estado; observámos tambem, depois do desentulho, o pavimento de uma casa, ainda com duas grossas e altas paredes, o que deu origem a variadas opiniões das innumeradas pessoas que constantemente ali se agrupam durante o dia. E o vandalismo não tem custado menos de 60\$000 réis até hoje».

(*Vanguarda*, de 19 de Maio de 1901).

«Nas escavações que se estão operando no Rocio para o assentamento da nova linha americana descobriram-se restos de casas anteriores ao terremoto e diversos objectos, sobre o valor dos quaes variam as versões que correm a tal respeito. Alguns tem sido vendidos pelos

operarios aos transeuntes curiosos e outros tem sido arrecadados não sabemos por quem.

Seria conveniente tomar providencias a este respeito, aproveitando-se a occasião de se fazerem mais cautelosamente as escavações e com intuito archeologico.

Ao Sr. Presidente do Conselho Superior dos Monumentos ousamos recommendar o assunto, na certeza de que não invocaremos em vão a sua illustrada iniciativa.

Hontem encontraram-se ali os seguintes objectos, que foram removidos para a Camara Municipal:

Duas chavenas da India, um bule, um ferro de engommar, uma frigideira, um machado de ferro com cabo, dois potes de barro, duas bilhas, uma chapa de metal, uma medida de barro, uma porção de pratos dos quaes só tres resistiram á lavagem, um tacho, um frasco de vidro, uma tampa de barro, um fecho de ferro, um alguidar e varios azulejos».

(*Diaria de Noticias*, de 19 de Maio de 1901).

«Leu-se um officio do Sr. Governador Civil, determinando que a Camara faculte ao Sr. Augusto Vieira da Silva, vogal do Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes, o exame das ruinas que appareceram durante as escavações que se estão fazendo no Rocio e dos objectos que ali foram encontrados.

Resolveu-se dar ordem á Repartição de Obras para attender esta indicação».

(*O Seculo*, de 24 de Maio de 1901).

«Pelas duas horas e meia da tarde de hontem começou o entulho das escavações no Rocio, por haver o major Polycarpo Lima, inspector das Obras Publicas, reconhecido que as ruinas não tinham valor archeologico nem architectonico.

Os objectos que nessas ruinas foram encontrados estão no gabinete do Sr. Augusto Cesar dos Santos, Chefe da 3.<sup>a</sup> Repartição das Obras Municipaes».

(*O Seculo*, de 26 de Maio de 1901).

*Nota.*—O bairro da Baixa da cidade de Lisboa nem sempre teve a apparencia plana, que nelle hoje se observa.

Anteriormente ao terremoto de 1755 as differenças de nivel entre os lados oriental e occidental eram bastante apparentes, como os antigos documentos demonstram.

Destruida e incendiada grande parte da cidade em 1755, os planos de reconstrucção obrigaram a nivelar tanto quanto possivel o terreno, onde depois se ergueram os quarteirões da cidade baixa.

A parte collocada inferiormente, que é a que se encosta á montanha do Carmo, foi consideravelmente aterrada, aproveitando-se para esse fim os materiaes das ruinas dos edificios que sobresaíam, não se tornando necessario demolir, portanto, os andares terreos delles.

Os objectos mais valiosos já tinham sido retirados quer pelos proprietarios sobreviventes, quer pelos bandos de ladrões que se espalharam por Lisboa consecutivamente á catastrophe.

No lado occidental do Rocio, por vezes, e agora em 1901, foram descobertas ruinas e nellas alguns objectos, que tudo, a phantasia popular em breve fez elevar em preço e valor historico.

Só depois de largos dias de interesse popular as autoridades se levantaram do lethargo, encarregando pessoa assás competente de examinar os destroços, que se reconheceu não terem valor archeologico nem architectonico, como era de prever. Teria sido em todo o caso conveniente prolongar as investigações só debaixo do aspecto topographico e do da historia da habitação portuguesa.

Alguns jornaes occuparam-se dos achados e a elles se deve em parte o terem as autoridades, a seu pesar, tomado conta do facto. Muitas inexactidões se propagaram nessa occasião, sem que de lado autorizado se tentasse esclarecer a opinião publica, de que se faz sempre pouco caso, esclarecimento que seria facil com a publicação do relatorio do vogal que examinou as ruinas.

Foi certamente um consideravel allivio para o Municipio de Lisboa ganhar a convicção de que os restos encontrados não exigiam exame mais demorado.

Pelos extractos dos jornaes que compõem esta noticia, ninguem pode confirmar a autenticidade das suas descrições, em consequencia dos poucos conhecimentos scientificos dos informadores.

## VI

### Ossadas

«O administrador do concelho do Barreiro officiou para o Governo Civil do districto participando que nas ruinas do convento de Palhaes (Valle de Zebro), pertencente ao Ministerio da Marinha, foram encontradas varias sepulturas arrombadas e que frequentemente os cães espalham pelas proximidades os ossos que ali se conservam, o que alem de ser profanação constitue um perigo para a saude publica.

Pelo chefe do districto foi hontem mesmo pedida ao Sr. Ministro da Marinha a autorização para o administrador mandar transferir essas ossadas para o cemiterio publico».

(O *Diario*, de 7 de Julho de 1903).

Nota. — O convento de Nossa Senhora dos Prazeres de Palhaes, da provincia da Arrabida, foi fundado em 1601.

## VII

## Igreja dos Anjos

«Nas *Novidades* de ante-hontem, em noticia que relatava a inauguração da Avenida de D. Amelia, até então conhecida pelo nome de Avenida dos Anjos, dissemos que os Srs. Dr. Pereira e Cunha, governador civil, e Conde de Avila, presidente da Commissão Municipal, tinham ido visitar as obras da nova igreja dos Anjos.

Vem hoje a proposito fallarmos da nova parochia dos Anjos, e dizermos algumas palavras sobre o estado actual do edificio. É opportuno tambem descrevermos o que é a antiga igreja, que brevemente, concluida a nova, será demolida por causa das obras de arruamento da Avenida de D. Amelia.

A igreja velha, que ainda está de pé, foi estabelecida, em epocha remota, numa antiga capella situada ao fundo do valle de S. Jordão, denominação que anteriormente tinha e ainda tem o actual Regueirão dos Anjos. Era na sua fundação, e continuou sendo por muitos annos, succursal da freguesia de Santa Justa e Rufina. Foi elevada a igreja matriz em 1563 pelo cardeal D. Henrique (depois rei de Portugal). Em 1725 foi reedificada pela primeira vez, e soffrendo muito por occasião do terremoto de 1755 foi novamente, em 1758, reconstruida tal qual ainda hoje se encontra.

Perpetuando a veneração do culto e a antiga realza e fidalguia dos passados tempos, ainda naquella freguesia se encontram bellos e historicos palacios, como o paço da Bemposta, o palacio dos Condes de Pombeiro e as capellas do Espirito Santo, em Arroios, e de Nossa Senhora do Resgate, das Almas.

A população da freguesia, pelo censo de 1864, era de 8:000 almas.

Possue actualmente a velha igreja nove capellas...: S. Miguel, como principe dos Anjos, na capella-mor; Santissimo Sacramento, frente lado do Evangelho; Nossa Senhora da Conceição, lado da Epistola; e mais as seguintes do lado do Evangelho, contando da capella-mor para a entrada principal:

1.<sup>a</sup> Nossa Senhora dos Anjos.

2.<sup>a</sup> Santo André.

3.<sup>a</sup> Santo Antonio.

Lado da Epistola, pela mesma ordem:

1.<sup>a</sup> Senhor Jesus do Bomfim.

2.<sup>a</sup> S. Braz.

3.<sup>a</sup> S. Sebastião (matriz).

Todo o tecto da actual igreja é guarnecido com quadros de veneração sacra, tendo ao centro o anjo S. Miguel, emoldurados com ornatos e apainelados com obra de talha dourada.

Parece que a primitiva invocação e orago era S. Miguel, pelo que em tempos se deu um conflicto entre os corpos ecclesiasticos e as irmandades de S. Miguel da freguesia dos Anjos e a de S. Miguel de Alfama, terminando por um accordo em que se resolveu que as solemnidades a S. Miguel se celebrassem: a de S. Miguel de Alfama a 8 de Maio, e a de S. Miguel dos Anjos em 29 de Setembro».

(*Novidades*, de 22 de Julho de 1903).

## VIII

### Trabalhos de sílex nos tempos contemporaneos

«No logar da Azinheira, a tres kilometros d'esta villa, ha a industria das pederneiras, hoje quasi abandonada, graças ao monopolio dos fosforos; no entretanto, ainda ha extracção para a Hespanha e ultramar.

Os povos d'este logar foram isentos do recenseamento militar até 1834, por se dedicarem áquelle ramo de industria, que em epochas passadas constituia elemento indispensavel para as municações do exercito.

A pederneira de guerra, como é sabido, tinha importantissima applicação no armamento militar, especialmente na infantaria e na cavallaria.

As armas munidas de pederneira onde tiveram campo mais vasto de applicação foi na gloriosa guerra peninsular contra as tropas de Napoleão.

Os municiamentos de pederneira mais importantes eram feitos pelos artifices da Azinheira, e d'ahi o privilegio da isenção d'estes mancebos para o serviço militar.

A freguesia da Azinheira é dotada de diversas quintas, algumas de grande merecimento e valor, e tambem historicas, como por exemplo a do Jogadouro, cuja casa de habitação e capella se acham em ruinas, occasionadas por um pavoroso incendio havido em 18 de Janeiro de 1823.

Por alguns vestigios existentes nas ruinas da capella julga-se ser esta do tempo dos mouros.

O nome d'esta quinta provém de haver em frente da casa de habitação um jogo de bola, cujos paus eram dourados.

Mais acima, para o lado de oeste, do sitio denominado das Bocas, é a nascente do Rio Maior, cujas aguas brotam de uns orificios executados em diversos pontos da muralha que serve de supporte á estrada districtal de Santarem a Peniche.

Antes da construcção d'esta estrada as aguas saíam das fendas dos rochedos».

(*O Diario* de 2 de Agosto de 1903).

*Nota*—Dos registos das chancellarias reaes, archivadas na Torre do Tombo, não consta que os habitantes da Azinheira estivessem isentos de serviço militar. Talvez o respectivo diploma exista nos Livros da Secretaria da Guerra, a não ser que fosse providencia geral applicada aos preparadores de pederneiras. No *Diccionario Geographico* (ms.), xxxii, 749, na memoria relativa a Rio Maior, encontra-se: «Compõe-se esta freguesia de nove Aldeas, a de Azinheira, celebre pelas pederneiras, que nella se fabricão e tem 32 fogos, etc.». O Sr. Vieira da Natividade (Alcobaça) publicou um folheto que se relaciona com este assunto.

## IX

### Monumentos militares

É do teor seguinte a portaria que reorganiza o serviço dos monumentos militares do país:

«Havendo actualmente apenas um official encarregado da conservação dos monumentos militares do Buçaco e Linhas de Torres Vedras, e sendo da maior conveniencia evitar a destruição de muitos outros que, commemorando tambem feitos notaveis do nosso exercito, valiosissimos documentos da historia militar do país: manda Sua Majestade El-Rei que sejam grupados todos os monumentos militares existentes em cada uma das circunscrições militares do reino, ficando a inspecção de cada um d'estes grupos a cargo de um official. Estes officiaes deverão com a maior brevidade proceder ao arrolamento dos monumentos existentes nas áreas das respectivas circunscrições, e poderão accumular estes serviços com quaesquer outros de que esteja incumbidos, não dando, em tal caso, direito a gratificação especial».

Na Ordem do Exercito que hoje se publica devem ser nomeados inspectores das circunscrições do sul, centro e norte, respectivamente, os Srs. general de divisão de reserva, Pedro de Alcantara Gomes, tenente-coronel do estado maior de artilharia, Jaime Leitão e Castro, e capitão de estado maior de infantaria Albino dos Santos Pereira Lopo.

(*Diario de Noticias* de 12 de Agosto de 1903).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

### Bibliographia

**Antiguidades.**—por F. Tavares Proença: **I) Explorações feitas nos arredores de Castello Branco**, Coimbra 1903, pag. 24.

A archeologia nacional conta agora mais um obreiro dedicado e entusiastico. Alumno de Direito da Universidade Conimbrigense, o Sr. Tavares Proença